

Vida / Morte, Morte / Vida: Temas e tarefas na recepção de Adonias Filho¹

Marcus Mota

Doutor em História pela Universidade de Brasília-UnB
Coordenador do Laboratório de Dramaturgia e
Imaginação Dramática-UnB
E-mail: marcusmotaunb@gmail.com

Recebido em: 01/03/2017.

Aprovado em: 25/10/2017.

Resumo: A recepção da obra de Adonias Filho é uma tarefa em contínua reinvenção. Há diversas atividades que demandam séria atenção de pesquisadores, para que tanto estereótipos e leituras apressadas sejam superados, quanto se fomente um maior número de leitores e intérpretes. Neste artigo, algumas dessas atividades são indicadas, principalmente aquelas que lidam com a redescoberta das fontes impressas, especialmente jornais e revistas. Por meio dessas fontes, podemos acessar informações sobre as variadas ocupações de Adonias Filho durante sua vida como escritor, crítico literário, gerente de equipamentos públicos culturais, político e ideólogo, entre tantas outras. Tais materiais, pouco explorados pelos pesquisadores, projetam um chamamento para se compreender as complexidades de um intelectual nos trópicos durante o século XX.

Palavras-chave: Recepção. Fontes de pesquisa. Literatura brasileira.

Life / Death, Death / Life: Themes and Tasks in the Reception of Adonias Filho

Abstract: The reception of Adonias Filho's work is a task in continuous reinvention. There are a number of activities that require serious attention from researchers, so that both stereotypes and hurried readings are overcome, and a greater number of readers and interpreters is desired. In this article, some of these activities are indicated, especially those dealing with the rediscovery of printed sources, especially newspapers and magazines. Through these sources, we can access information about the various occupations of Adonias Filho during his life as a writer, literary critic, manager of cultural public equipment, politician and ideologist, among many others. Such materials, little explored by researchers, project a call to understand the complexities of an intellectual in the tropics during the twentieth century.

Keywords: Reception. Research sources. Brazilian literature.

Preliminares

A oportunidade de se celebrar o centenário de nascimento de Adonias Filho (1915-1990) possibilita o início de uma força tarefa para um empreendimento multilateral: compreender o triplo ostracismo pelo qual passa a recepção da obra e da figura de Adonias Filho dentro do contexto intelectual nacional.

Digo triplo neste sentido: **1 – escritural** – Adonias Filho não era um escritor de fácil digestão. Sua pesquisa de meios de expressão o levou a dialogar com tradições literárias e culturais diversas, como as inovações técnicas do romance moderno (W. Faulkner, V. Wolf, entre outros), a cultura clássica, especialmente a do teatro grego, e diversas expressões literárias nacionais e internacionais, como regionalismos diversos, o romance psicológico (Octávio de Faria, Cornélio Pena) e o romance gótico (*Wuthering Heights*, de Emily Brontë).² Além disso, na prosa não literária, mesmo sem uma formação acadêmica, Adonias Filho foi um voraz leitor e produtor de textos dos mais diversos formatos (ensaios, crítica literária, artigos e notas jornalísticos, crônicas, prefácios³). Assim, esse ecletismo nas fontes ressoava um enciclopedismo que sobrepunha conceitos, ideias e citações dos mais diversos campos de saber, mesmo que houvesse um viés considerado “conservador”.⁴ Dessa forma, o texto de Adonias Filho é, em prosa narrativa ou prosa não literária, na maioria das vezes, multiplanar, negociando intensamente com diversos outros textos e tradições escriturais. **2 – ideológico** – Adonias Filho participou ativamente de movimentos de ideias ligados ações conservadores das mais diversas ordens. Seu livro de estreia mesmo, *O renascimento do homem* (1937), é um libelo anticomunista. O credo conservador democrata, que o acompanha desde esse tempo, passa pelo integralismo, pela veemente oposição ao governo JK e encontra seu clímax durante a ditadura militar.⁵ Nesse ínterim, Adonias Filho ocupa altos cargos em instituições culturais públicas (Biblioteca Nacional, Conselho Federal de Cultura). Embora defendesse uma autonomia do intelectual, Adonias cooptou ou foi cooptado não apenas por ideologias: ele integrou de fato administrações de caráter político autoritário e repressor.⁶ **3 – espólio** – Desde a morte em 1990, e com mudanças no mercado editorial brasileiro, sua obra literária encontra-se em um nível de tratamento que não corresponde a sua qualidade artística.⁷ Não há edições críticas textuais de

suas obras, não há uma recolha de seus inúmeros textos publicados nos jornais, não há um levantamento completo de suas publicações, não há uma fundação que de fato gerencie tais questões editoriais.⁸ Os sebos agradecem...

A partir disso, Adonias Filho deixou de ocupar o lugar de destaque que possuía antes dos anos 80 do século passado para se converter quase em um autor lido nos cursos universitário de letras, ou como referência local, do sul da Bahia. Para quem teve sua obra publicada em diversos países do mundo e foi incensado nos anos 60 ao nível de Guimarães Rosa, tal ostracismo é bem redutor. É este Adonias Filho que agora encara o seu centenário: um autor restrito a nichos recepcionais específicos sob o qual paira a pecha de ter sido representante de um regime político de exceção, e que ainda circula sem um projeto editorial que reverta tal situação.

Mas, como forma de se superar esse triplo ostracismo, são apresentadas aqui algumas informações e propostas que procuram enfatizar a dimensão plural da obra de Adonias Filho. Suas contradições e diversos engajamentos estéticos e reflexivos ao fim nos subsidiam para tornar compreensível não só um autor literário, mas o que é ser um intelectual nos trópicos.

Mapeamento

Sobre fontes de diversas materialidades que rastreiam a produção heterogêneas de Adonias Filho, eis a seguinte possível distribuição:

1. Fontes Bibliográficas
2. Fontes Imagéticas
3. Fontes Sonoras
4. Fontes Videográficas

Essa grande divisão de tipos de fontes ainda é assim especificada:

1 - Fontes Bibliográficas

A - Obras de Adonias Filho. Produção.

1.1 Textos ficcionais publicados em livro e sua história

editorial. Apógrafos (se possível), edições e variações textuais (correções). Listagem de todos os textos publicados, suas edições, datação, capas, editoras.

- 1.2 Textos ficcionais publicados em outros formatos
- 1.3 Textos não ficcionais publicados em livros
- 1.4 Textos não ficcionais publicados em outros formatos
- 1.5 Textos ficcionais inéditos
- 1.6 Textos não ficcionais inéditos
- 1.7. Anotações, esboços, rascunhos.
- 1.8. Correspondência ativa/passiva
- 1.8. Traduções de obras de Adonias Filho

B - Obras sobre Adonias Filho Recepção

- 1.1 Livros sobre Adonias Filho (Ideias/Obra/Vida)
- 1.2 Artigos em livro sobre Adonias Filho (Ideias/Obra/Vida)
- 1.3 Textos em jornais sobre Adonias Filho (Ideias/Obra/Vida)
- 1.4 Artigos em revistas acadêmicas sobre Adonias Filho (Ideias/Obra/Vida)
- 1.5. Trabalhos de pesquisa sobre Adonias Filho (TCCs, Dissertações, Teses).

2 - Fontes Iconográficas

- 2.1 Fotografias, fotogramas.

3 - Fontes Sonoras

- 3.1 Registros de entrevistas e depoimentos

4 - Fontes Videográficas

- 4.1 Adaptação de obras ficcionais para o cinema/vídeo
- 4.2 Entrevistas e telejornalísticos.

Como se pode observar, há muito trabalho para se fazer. Antes de uma maior familiaridade com as fontes em sua diversidade material e temática, é muito apressado constituir diversas interpretações a respeito da carreira e da obra de Adonias Filho. Sem essa pesquisa

de base, Adonias Filho permanece flutuando fora do tempo e do espaço, engessado em leituras superficiais, a maioria dela restrita apenas às obras literárias. Nessas leituras, predomina as tentativas de enquadrá-los nos modelos consagrados de crítica literária: motivos frequentes, influências, ilações biográficas, reducionismo geográfico, análises laudatórias.

Como forma de subsidiar futuros empreendimentos investigativos, são apresentados alguns elementos de cada uma das divisões de fonte supracitadas. Os tópicos e materiais aqui indicados não passam breves acenos diante da enormidade de referências a ser compilada e analisada. Não houve aqui a estratégia de exaustão ou acabamentoo nessa amostragem: procurou-se, no limite de uma conferência, evidenciar alguns pontos de partida para novos empreendimentos investigativos.⁹ Começo pelo fim, pelas fontes não literárias.

Fontes videográficas

Embora tendo seu nome muito relacionado ao típico perfil de um intelectual das letras no Brasil, o Adonias Filho valeu-se de e foi assimilado por outras mídias¹⁰.

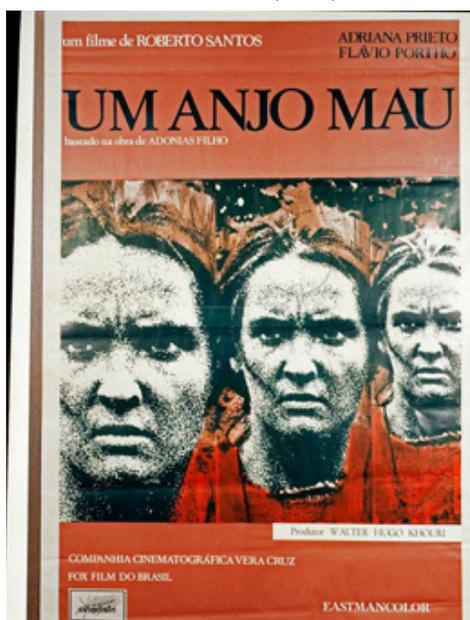
Em texto intitulado “Teatro de TV”, de sua coluna “Estante” (8-03-1960), Adonias Filho advoga uma maior presença de obras da moderna ficção brasileira nos chamados teleteatros: «Os produtores de TV, que já perceberam como o teatro na televisão significa audiência, não descobriram ainda o veio precioso que é a moderna ficção brasileira.» Este texto não é peça isolada. Pedro Manuel já em 1958 constatava que, «Em numerosos artigos, Adonias Filho tem exortado os intelectuais brasileiros a interessar-se pela televisão, salientando a responsabilidade que sobre eles pesa devido a essa omissão, causa primeira de proliferar de tantos debilóides nas teledifusoras (*Diário de notícias*, suplemento literário 28/12/1958, p. 7).»

Ora, sendo a inauguração da tv no Brasil em 1950, tais posturas apontam para as tensões entre tradições culturais frente à modernização nacional. O ambiente «experimental», aberto das novas mídias captava o interesse dos públicos e grupos produtores de conhecimentos os mais variados. A meta era direcionar tais recursos como instrumentos de divulgação das obras e ideais desses grupos.

Mas a questão não está ligada somente à TV. Neste tópico destaca-se duas formas pelas quais Adonias Filho se integra à cultura audiovisual.

Inicialmente, temos a adaptação de obras ficcionais de Adonias Filho para cinema e vídeo. Aqui é preciso compreender o longo e muitas vezes inacabado processo que circunda tais adaptações. Muitos deles se encerram apenas na pré-produção. Entre as referências disponíveis, seguem-se os seguinte títulos¹¹:

1- *Anjo Mau*, de Roberto Santos (1971).



Uma co-produção entre Fox Film do Brasil e a Vera Cruz. O filme é baseado no conto homônimo que integra o livro de novelas *Léguas da Promissão*(1968)¹².

2- *O forte*, de Olney São Paulo (1974)



Produto da Embrafilme, é baseado no romance homônimo (1965)¹³. Segundo o *Diário Carioca* (1/07/1965), Glauber Rocha, baiano como Adonias Filho e Olney São Paulo, iria filmar a obra, com produção da Secretaria de Turismo e Diversões do Governo do Estado da Bahia. Seria o terceiro filme de Glauber, após *Barravento* (1962) e *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1963). O resultado cinematográfico de Olney São Paulo foi muito criticado: doença do cineasta, condições de produção precárias, morte de um dos protagonistas, como ser vê no texto de Alberto Silva para o *Tribuna da Imprensa* sobre o filme (22/06/1973). Mas tem encontra sua reabilitação por leituras que privilegiam a pesquisa formal do cineasta¹⁴.

3- *Servos da morte*, de Raimundo (Rai)Carvalho Bandeira de Mello (1976). Esta realização é indicada como filme desaparecido pela Cinemateca Brasileira. Não há informações detalhadas sobre a produção ou ficha técnica. Há apenas a sinopse do filme em

documento designado como CB/EMB-110.1-002014, que deve ser parte de uma solicitação de pedido de co-produção, sobre a qual, segundo, o site da Cinemateca Brasileira, «não há informações sobre sua aprovação.¹⁵»

Além dessas três produções, temo referências a outras que não foram para filmagem.

1- *Corpo vivo*. A informação do Diário Carioca (28/04/1963) a partir de fala de Adonias Filho relata que o romance, publicado em 1962, fechando a trilogia do cacau, teria seus direitos adquiridos pelo «produtor e diretor Cacá Diegues.

2- *Memórias de Lázaro*. Segundo o Diário Carioca (31/03/1964), «Rui Guerra, depois de Os Fuzis, que está em tempo de montagem, dirigirá uma adaptação do romance de Adonias Filho: *Ressurreição de Lázaro*.» Esta adaptação cinematográfica do livro (quase) homônimo publicado em 1952 não veio à luz.

O segundo conjunto de itens relacionados com audiovisual é o de aparições de Adonias Filho em registros filmados. Tendo ocupado diversos cargos de destaque em instituições de gerenciamento de bens culturais (SNT, INL, Biblioteca Nacional, ABI, CFC) e tendo sido eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL), Adonias Filho aos poucos foi tornando-se uma figura pública. Desde os tempos de atividade jornalísticas tal transformação acontecia: Adonias Filho aos poucos tornava-se referência de crítica literária e de ficção de alta qualidade. No caso, o documento que temos é o de sua posse na ABL, no Rio de Janeiro em 1965, na forma de Cine Jornal Informativo n. 04 da Agência Nacional¹⁶.

Outro material que pode ser acessado é o documentário *Adonias Filho: Memória e Ficção*. Com duração aproximadamente de 28 minutos, produzido por Joelson Batista, Rannah Vieira e Simone Santos, o documentário foi desenvolvido a partir de um projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Comunicação Social pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)¹⁷

Fontes sonoras

Para um homem da palavra vivendo em um mundo de revoluções tecnológicas, as possibilidades abertas pelo registro e

reprodução da voz compõe a nova paisagem sonora das grandes cidades¹⁸. Nesse sentido, um fato pouco conhecido da biografia de Adonias Filho é melhor compreendido: seu trabalho no programa «Conversa da Noite» na Rádio Clube, entre 1952 e 1953. Tratava-se de uma crônica diária que ia ao ar a partir das 23:00, com a locução de Américo Vilhena¹⁹.

Por outro lado, a voz mesma de Adonias Filho pode ser escutada a partir de registros de depoimentos feitos ao Museu da Imagem e do Som no Rio de Janeiro. No acervo 'Depoimentos para a Posteridade' temos três referências a Adonias Filho nas seguintes datas: 21/12/1966, 03/09/1969 e 24/06/1982.

Como no caso das fontes audiovisuais, os casos acima citados devem não ser os únicos. Resta aos pesquisadores procurar mais registros de entrevistas e depoimentos esparsos. Por exemplo: no Jornal do Brasil de 7/11/1970, há uma notinha bem interessante que demonstra esse campo interartístico e multimidiático em que as obras dialogam umas com as outras: «Adonias Filho eufórico, sonhando com dinheiro: seu livro *Léguas da Promissão* será editado na Alemanha, em Portugal, na França e na Venezuela. Aliás, a repercussão de *Léguas da Promissão* chega a ser impressionante. Depois de lê-lo, Roberto Burle Max pintou um quadro inspirado em Imboti, um dos contos do livro. Agora, Adonias acaba de receber de Luís Bonfá a gravação de uma música cuja letra foi baseada no outro conto, Simoa.

Fontes iconográficas

Neste tópico há muito a se fazer. Como figura pública, Adonias Filho foi muito registrado em fotos nos jornais, a partir dos inúmeros eventos dos quais participou. Além disso temos as fotos de arquivos pessoais. Como um exemplo disso, eis uma foto de Adonias Filho entre 1955-1958, que ilustra a matéria de Renard Perez publicada em seu livro de ensaios e entrevistas com escritores brasileiros do século passado²⁰:



Fonte textuais

Há muito o que fazer neste campo. Antes de tudo, as obras literárias já publicadas precisam passar por um processo de edição crítica. Uma pergunta: onde estão os manuscritos? Sabemos que era hábito de Adonias Filho destruir originais, mas no caso de textos que não seriam aproveitados: ele teria destruído seu primeiro romance- *Cachaça* - e colocado fogo em uma versão antiga de *Corpo Vivo*²¹. Complicando mais ainda o cenário: para alguém que desde 1935, com então 20 anos, estaria envolvido em escrever para publicar, e ainda mais, ter de produzir textos diariamente, o original manuscrito deixa de ser um problema²²: uma vez impresso, este material se torna o único documento, o qual será reaproveitado em outras ocasiões: republicações com ou sem modificações do mesmo texto em outros jornais e revistas, ampliações desse material prévio para publicação em forma de livro, reescritura ou inserção de partes de textos previamente escritos em novos textos.

Mesmo assim, sem manuscritos - se assim o for -, é preciso uma edição crítica a partir das obras publicadas para estabelecer texto para referência de suas obras literárias.

Além da questão dos 'originais', é preciso estabelecer um programa editorial que de fato tenha um conceito, estratégias de reinserção de Adonias Filho no mercado. Publicar hoje é fácil. Difícil é construir e manter uma marca, uma assinatura. Enquanto era vivo, Adonias Filho empenhou-se nisso. Sua presença nos órgãos máximos do livro e da cultura nacional e sua constante exposição na mídia através da ABL o colocavam no mapa. Mas, por ironia, o que Adonias construiu em vida parece ter acabado com ele na morte, duplamente...

Temos, em outra direção, uma enormidade de textos não literários de Adonias e sobre Adonias Filho. Os dois grupos convergem ao proporcionar um amplo contexto não apenas de esclarecimento do percurso literário e intelectual de um autor específico: folheando jornais e revistas antigos, vemos que todo um país comparece nos mais 50 anos de dedicação de Adonias Filho à escrita em suas diversas modalidades e suportes.

Adonias Filho chega ao Rio de Janeiro em 1936, fica nessa cidade praticamente até a sua morte, alternando estadias entre a cidade maravilhosa e sua fazenda em Itajuípe a partir dos anos 70, com maior incremento a partir dos anos 80²³. Com isso, acompanha os anos do governo de Getúlio Vargas, a crise após seu suicídio, os anos JK, o turbulento anos até o golpe militar. Ironicamente, para um democrata, morre não muito depois da redemocratização do Brasil. Em vida, pois, defrontou-se com um país e um mundo cada vez mais complexo, com o qual teve de lidar a partir de sua formação eclética e autodidata.

Os jornais da época eram o espaço de exposição de ideias e de exibição das figuras no espaço público tanto local quanto nacional. Os textos eram republicados ou citados em outros jornais. Muito material era reaproveitado em novos textos, formando assim esse hábito de constante reescritura. Assim, em diligências aos arquivos, podemos encontrar diversos materiais que tornam mais densa a presença de Adonias Filho na cultura nacional. Adonias não apenas publicou seus textos em jornais e revistas, como foi citado em outros textos e sua figura mesma foi alvo de comentários e notas nestas publicações. Seguem abaixo uma seleção desses flagrantes adonianos:

1- no *Tribuna da Imprensa* (6-7/07/1957,p. 06) temos incidente com os filhos de Adonias Filho:

Telefonema enganado salva três crianças

Três crianças que brincavam numa sala foram salvas milagrosamente pela campanha do telefone. Aconteceu ontem, na rua República do Peru, quando o apartamento 418, do edifício número 72, daquela rua, foi atingido por uma pedra lançada violentamente por uma explosão de dinamite.

Raquel, Adonias e Jorge, filhos do escritor e jornalista Adonias Filho, brincavam com suas bonecas, caminhóezinhos e bolas. De repente o telefone tocou. Os três, ao mesmo tempo correram para atender. Era engano. Mas no momento exato em que se afastaram, uma pedra de regular tamanho rompeu a veneziana da janela e atingiu o local exato em que as crianças brincavam.

A pedra veio das obras que estão sendo feitas nos fundos de 21 edifícios situados em frente a uma pedreira. Ali será erguida a garagem "Copana" que terá oito andares.

EXPLOSÕES

As explosões são constantes e há três anos intranquilizam mais de mil famílias. O acidente de ontem não foi o primeiro registrado no 2.º D. P. Recentemente uma pedra atingiu um aparta-

mento, mas felizmente nenhum morador saiu ferido.

A TRIBUNA DA IMPRENSA denunciou há pouco tempo, em reportagem ilustrada, os riscos a que estavam sujeitos os moradores daquele quarteirão. Parece que até agora as autoridades não viram maior motivo para interessar-se pelo caso. Entretanto, repita-se, milhares de pessoas estão ali ameaçadas.

PERICIA

Recesso de novos acidentes, Adonias Filho solicitou o comparecimento da pericia, que já fez um levantamento do local.

Atropelado representante do "Daily Express"

Quando atravessava a rua, ontem à noite, em frente à sua casa, o jornalista Henri Hoger, representante do "Daily Express" (de Londres), no Catete, foi atropelado. O jornalista que mora na Rua Anibal Mendonça 180, apto. 202, após medicado no Hospital Miguel Couto, retirou-se. O carro atropelador, segundo populares, foi o de chapa 4-82-00.

2- Hábitos de Adonias Filho

2.1. No *Diário de Notícias* (25/05/1972,p.7) vemos Adonias Filho fazendo suas caminhadas.

ver) o belo musical.
★ Entre os madrugadores da Avenida Atlântica, está o acadêmico Adonias Filho. Muito antes de ser moda o método de Cooper, o romancista de *Corpo Vivo* já acordava às 5 da manhã para uma saudável esticada pela areia do Posto Quatro.

2.2 No *Tribuna da Imprensa* 09/01/1970,p.3) esse costume já havia sido enunciado:

Lei, não pode comprar nada, principalmente esta-
ção de televisão. +◆+ O acadêmico Adonias Filho
caminhando pela Rua Barata Ribeiro, naquele seu
passinho tranqüilo e compassado, de homem que
já viu tudo e nada pode alterar os seus rumos. +◆+
A pronócia de Academia: ainda não consegui nem

2.3 Mas na mesma época ficamos sabendo que a imagem do escritor sereno pode dar lugar a outras afecções. É o que nos conta o *Diário de Notícias* em 4/9/1971, p.07.

O descobrimento do barulho

Quem descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral. Segundo consta, não tocou trombetas por lá. Limitou-se a ordenar que o escrivão da Armada contasse, em carta, a novidade a El Rei e aos povos. Já o Gineiro Pedro Álvares Cabral — apóstrofo da Rua República do Peru — não apenas toca trombetas como bateria, guitarra, sax e bongô. Os moradores da rua já não agüentam mais com tanto barulho. O Colegio não é curso de música mas parece. Afinal, o que é que está havendo? Será algum novo método de ensino do primeiro e segundo ciclos?

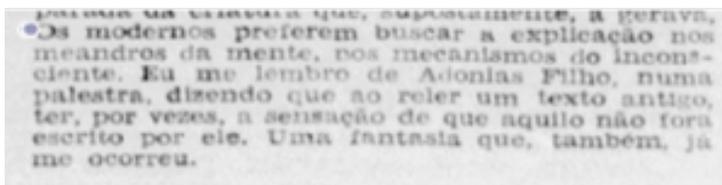
★

As reclamações são tantas que tomamos a liberdade de chamar a atenção do nosso Secretário de Educação — o Sustrer Professor Fernando Barata — para que ele mande apurar as dimensões desse Woodstock didático. Quando cessar o som impertinente e indevido.

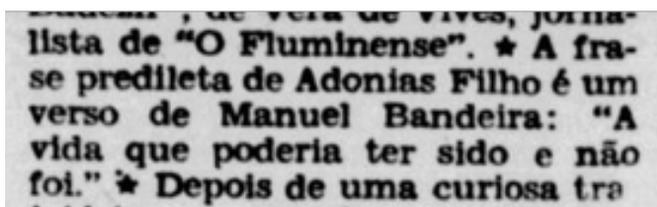
★

O barulho incomoda os próprios estudantes, que assim não podem estudar. Mas se o dinâmico e erudito Secretário Barata quiser mais um elemento de convicção, aí vai. Essa música do Pedro Álvares Cabral está dando um grave prejuizo à cultura brasileira. É que um dos vizinhos mais próximos do ginásio sonoro é o escritor Adonias Filho que já não consegue escrever uma linha a não de seu Leandrinho Bahia, altermetado, de algúem nos ouvidos, pensando até em voltar, de vez, para o sossego de Serra Talhada, nos confins das Letras de Presidência...

2.4 Mas a nota no jornal pode modular essa imagem do escritor de modo mais idealista, reverberando a construção da imagem e da recepção tanto de Adonias por si próprio, quanto do intelectual pelos meio de comunicação. É o que se vê no comentário de Paulo Barbará sobre o processo de criação no *Tribuna da Imprensa* (23/09/1977, p.11)²⁴:



2.5 Com isso temos abertura para uma ampliação dessa imagem idealizada, como vemos em uma nota social no *Tribuna da Imprensa* 20/12/1971:



3- Política

Há inúmeras referências da relação de Adonias Filho com grupos políticos, como integralismo. Mas o que pouco se sabe é que ele mesmo se candidatou a cargos de representação:

3.1. Em 1950 Adonias Filho se candidatou a Deputado Federal na Bahia pela UDN (*Tribuna da Imprensa* 24/05/1950, p.7, *Diário Carioca* 11/06/1950, p.4) mas não conquistou a vaga. O lendário editor José Olympio comentou em 1951 que «foi ótimo que você não tenha se eleito. Assim poderá continuar escrevendo seus romances.» Adonias não gostou do comentário. (*Tribuna da Imprensa* 1-2/03/1952).

3.2. Durante o período da ditadura militar, em 1974 o nome de Adonias foi apontado em lista para o governo da Bahia, sucedendo Antonio Carlos Magalhães. A notícia foi capa do *Tribuna da Imprensa* em 23/01/1974. Na época Adonias Filho era o presidente da ABI. Segundo informações da coluna de Hélio Fernandes, Adonias Filho «há vários meses tem ido constantemente a Salvador e ao interior do estado, conversado com grandes empresários, políticos e gente do povo, sem no entanto declinar, uma só vez que estava ouvindo pessoas para recolher subsídios indispensáveis à elaboração de um programa de governo. Sempre no início da conversa ele diz assim: 'Satisfaz-me mais uma curiosidade... Agora, já convidado

para suceder o sr. Antonio Carlos Magalhães, o sr. Adonias Filho dispõe de minucioso estudo de todos os problemas do Estado, tendo elaborado, inclusive, um diagnóstico real das necessidades da Bahia em todos os campos. Embora não seja um técnico nem um político, na acepção do termo, Adonias Filho dispõe, exatamente por isso, de todas as condições para fazer a administração de que a Bahia precisa para tornar-se, não apenas um polo de atração turística, mas um grande Estado, com sua economia em expansão à altura das aspirações de toda sua população «(*Tribuna da Imprensa* 25/01/1974,p.3). Em poucos meses a certeza da indicação de Adonias naufragou: no meio do caminho havia Antônio Carlos Magalhães. Segundo ainda Hélio Fernandes, em sua coluna de 10/04/1974 no *Tribuna da Imprensa*, «a sua ida para o governo da Bahia, um sonho que acalenta há longos anos. Agora, quando estava mais perto a realização desse sonho, o sr. Antonio Carlos Magalhães resolveu se atirar contra a candidatura Adonias Filho.»

4- *Questão do Livro*

O negócio do livro sempre esteve presente nos textos de Adonias Filho. Além de acompanhar mudanças no mercado editorial, Adonias fundou editora e foi diretor de uma casa publicadora. Depois, foi trabalhar em instituições públicas diretamente relacionadas com o livro, como o INL, Biblioteca Nacional e CFC. Durante o governo JK (1955-1961), do qual participou no início, no SNT, Adonias Filho disparou veemente críticas sobre o modo como a política para o mercado editorial estava sendo conduzida. A chamada ‘crise do livro’ teve diversos momentos:

4.1- Inicialmente, temos o momento pós II Guerra. Em série de depoimentos para o jornal *A Manhã*, Adonias responde a um inquérito sobre as dificuldades pelas quais passavam as editoras de então, em 31/03/1945, afirmando que «Todos sabem naturalmente que a crise, no livro, é apenas um reflexo da crise geral, uma consequência geral da guerra, e mais detalhadamente, das condições econômicas nacionais.» Soluções para a redução de número de leitores e diminuição da produção livresca são apontadas: «Aos nossos programas de ensino, sobretudo no curso secundário, falta aquela base literária que sempre caracterizou nossa formação cultural. As novas gerações, como consequência, já não lêem ou, se lêem, lêem muito pouco. A preocupação excessivamente profissional e técnica, eliminando o que sempre foi o lastro universitário, influiu poderosamente na redução

de leitores. Desejando, qualquer pessoa poderá averiguar: quantos brasileiros, entre os que constituem a média da população, possuem uma pequena biblioteca? Vítimas da orientação pedagógica, as gerações mais moças lêem apenas e se interessam tão somente pelos livros que diretamente se relacionam com seus próprios negócios ou seu próprio destino. Aflitas diante da angústia política, participantes da agitação social, adquirem, lêem e discutem os livros que são depoimentos sociais. Para esse gênero de livro não, não há crise! (...) E foi precisamente por ter compreendido isso que organizei uma coleção, 'Imagens da Época', com depoimentos de estadistas, e posso assegurar que os êxito registrado é espantoso. As tiragens de livros como 'Escolhi a liberdade', de Victor Kravchenko, ou 'Falando Francamente', de Jamer Byrnes, justificam perfeitamente a minha tese: há leitores aos milhares para os depoimentos políticos. E, se não os há para outros gêneros de livros, principalmente os de ficção, é porque faltou aos compradores, não exatamente o poder aquisitivo, mas uma formação cultural que os tornasse indispensáveis.» Ainda no mesma entrevista, Adonias Filho insere um segundo fator de crise, além da dominância de livros «como os de Clement Attlee, Artur Koestler, Chian Kai-Schek, Trotski, William Bullit»: trata da questão geográfica. Segundo Adonias, «Sabemos nós, que trabalhamos com o livro, o mundo perdido que representa para o livro o município. Transporte difícil. Livrarias, raríssimas. O intercâmbio comercial, em impressionante maioria, é feito através do reembolso postal. Abrigando, porém, um espantoso agrupamento humano, não dispõe o município ainda - apesar da visão dos Constituinte de 1946 - de uma indispensável e justíssima autonomia econômica. (...) Qualquer chefe de uma seção de vendas de uma casa editora poderá confirmar minhas palavras: leitores, submersos no interior, pedem livros por telegramas. E por que pedem? Simplesmente porque não há sequer uma livraria, porque a distribuição comercial se torna impossível já que ao industrial falta o seu auxiliar imediato que é o comerciante. Dispondo, porém, de autonomia, por si mesmo podendo organizar uma rede comunicações e revitalizar seu parque econômico e cultural, dúvida não tenho de que o município transfigurará da base para o vértice a indústria brasileira do livro.»

4.2- *Governo JK.*

A partir de problemas já antigos, como votação de leis de incentivo à indústria do livro (importação de papel, isenções de

impostos, importação de livros estrangeiros), vemos os problemas se acirrareem em função de medidas do governo JK.

Em sua coluna 'Estante', no *Diário de Notícias*, Adonias abriu um espaço contínuo de ataque a essas medidas. Eis aqui um dos exemplos, de 15/08/1959: «Oito meses são decorridos desde que o Sindicato Nacional dos Editores de Livro e a Câmara Brasileira do Livro entregaram ao sr. Juscelino Kubitschek o memorial em que reivindicavam certas medidas para a importação do livro estrangeiro. O presidente da República, ao receber o memorial assinado por Cândido Guinle de Paula Machado e Dáulas Riedel - respectivamente presidente do Sindicato e presidente da Câmara - logo reconheceu as exigências e tanto assim que constituir dois 'grupos de trabalho' para solucionar o gravíssimo problema. Oito meses, porém, já se passaram. E nada de coisa alguma. Os grupos de trabalho, ao que parece, fizeram tudo, tudo mesmo, menos o que deviam fazer: trabalhar. Na estaca zero, em consequência, continuam as reivindicações dos editores, escritores e livreiros. Continuam na estaca zero, em verdade, as reivindicações de todos os estudiosos brasileiros. No memorial, que em seu conteúdo encerra a devida exposição de motivos, pode alcançar-se a asfixia que o atual governo impôs ao livro importado (hoje praticamente inacessível a não ser, está claro, aos milionários). De 1957 a dezembro de 1958 - diz o memorial - a sobretaxa cambial por dólar americano subiu de Cr\$ 25,00 para Cr\$ 61,18. A sobretaxa cambial, porém, é apenas uma sobremesa. Outros tributos somam-se como, por exemplo, a Taxa de Despacho Aduaneiro, a Taxa de Renovação da marinha Mercante e a Taxa de Melhoramento dos Portos. De tudo isso resulta que, de 1957 ao Natal de 1958, o curso direto do livro importado se elevou em nada mais e nada menos que 105%. Os editores, os livreiros - absolutamente certos da incapacidade aquisitiva dos compradores que somos todos nós, o povo deste pobre país -, e no mesmo memorial solicitavam ao sr. Juscelino Kubitschek a interposição de sua autoridade junto ao Legislativo no sentido de obter com urgência a aprovação do Projeto de Lei n. 4.548 de 1958, da autoria do deputado Nilton Carneiro, com justificação incontestável, manda conceder isenção de direitos e taxas aduaneiras para a importação de papel destinado à impressão de livros bem como equipamentos e peças sobressalentes destinados às empresas editoras. «

Tal situação não se alterou até o início de 1960. Na mesma coluna em 8/1/1960, Adonias pontificava: « Continua para o estudioso brasileiro - escritor ou professor, técnico ou cientista - o drama de não dispor de livros estrangeiros. Impedido de atualizar seus conhecimentos, de informar-se mesmo sobre a matéria de sua especialidade, já não tem efetivamente para quem apelar. Esgotaram-se inutilmente todos os recursos. As promessas do presidente Kubitschek, sempre atento quando se trata de indústria automobilística, caíram no vazio após três anos de expectativa. «

5- *Adonias e O teatro*

Adonias Filho, embora mais conhecido como homem das letras, esteve intimamente relacionado com o teatro por meio de diversas atividades: professor de Teoria e História do Teatro; Gestor de órgão governamental que cuidava de interesses dos artistas cênicos e da promoção de iniciativas na área (SNT); ensaísta em diversos temas relacionados a história e teoria do teatro; e, enfim, autor teatral bissexto. Estes tópicos serão tratados mais detidamente em outro texto neste livro.

6- *Traduções*

Após publicar seu primeiro livros de ensaios em 1937 e 1940, Adonias Filho dedica-se à tradução. Temos pelo menos cinco títulos:

6.1. *Gaspar Hauser*, de Jacob Wassermann, «acaba de ser publicada pela EPASA, numa tradução de Adonias filho.» Assim registra o jornal *A Manhã*, em 25 de dezembro de 1943 (p.10)²⁵. O original alemão é de 1908. Assim se inaugura a moda 'Wassermann' no Brasil, autor ao qual Adonias vai dedicar três traduções²⁶. Esta primeira tradução conhecida realizada por Adonias Filho, porém, vai lhe trará uma problemática recepção: por duas vezes o trabalho será detalhadamente analisado por Agenor Soares de Moura em sua coluna «À margem das traduções», para o *Diário de Notícias*²⁷. Na primeira matéria, de 23/05/1945, o crítico afirma: «A versão absolutamente não se recomenda. O tradutor não declara de que idioma a fez, mas vamos provar que foi de um texto francês, embora na folha de guarda apareça o seguinte: 'título do original em alemão 'Gaspar Hauser' - no que deve haver um ligeiro engano, que seja tipográfico, porque 'Gaspar' em alemão se escreve com 'k' ou 'c'.» A partir daí, temos a exposição de uma enorme quantidade de equívocos tanto no domínio da língua traduzida, quanto da língua pátria: erros de regência, de colocação pronominal- na maioria das vezes 'solecis-

mos', ou interferências da oralidade na chamada 'norma culta'. Além de apontar estas opções discutíveis - «o sr Adonias Filho se mostra quase absolutamente incapaz de suar certos os pronomes *lhe* e *o* com os verbos que são complementos»- , há dificuldades na tradução dos topônimos, e em expressões típicas da língua francesa para o português. A quantidade de equívocos leva Agenor Soares de Moura uma semana depois a novo artigo no *Diário de Notícias*, 20/05/1945, ratificando o rol de achados e perdidos da tradução.

6.2 *A família Brontë*, de Robert de Traz, escritor suíço (1884-1951). Publicado em Paris em 1939 pela E. A. Michel, o livro teve sua edição brasileira em 1944 pela Editora Pan Americana. Adonias traduziu a partir do original francês a obra que foi anunciada como «comvente e arrebatadora biografia romanceada das famosas escritoras inglesas Charlote, Anne e Émily Brontë. Livro escrito com ternura e fidelidade histórica por Robert de Traz, em tradução de Adonias Filho e com ilustração de Santa Rosa.²⁸» Posteriormente, parte da crítica, ao se referir à estréia literária de Adonias Filho em 1947 com *Servos da Morte*, irá destacar as similitudes do projeto ficcional ali efetivado e o explorado na obra de Emily Brontë. Desse modo, vemos que a tradução funciona duplamente como ato de sobrevivência do escritor em sua versátil carreira no mundo dos livros e da página impressa, e como formação do futuro escritor: traduzir escritores pode ser uma propedêutica ao ato criativo²⁹.

6.3 *O pântano do diabo*, de George Sand (1804-1876). A tradução de *La Mare au diable* foi publicado na mesma época que o anterior e pela mesma editora (1944). A autora é uma das figuras literárias francesas do século XX mais emblemáticas³⁰. Sua vida e obra se confundem: memórias, viagens, romances, contos, peças de teatro, cartas, etc. O romance, um dos mais populares da autora, foi publicado em Paris, em 1846, consagrando a apropriação francesa do romance gótico inglês³¹. O tom grandiloquente e a retórica a partir de imagens da natureza são procedimentos depois presentes em *Servos da Morte*.

6.4 *Golovin*, de Jakob Wassermann. O original alemão foi publicado em uma coletânea de narrativas - *Der Wendekreis* - em 1920³². No *A Amanhã* de 5/08/1944 (p.3), anuncia-se «a sair, nestes dias: Golovin, uma novela da Jakob Wassermann. Tradução de Adonias Filho. Capa de Santa Rosa. Livro que abre a coleção 'Novelas de Todos os tempos', da Editora Ocidente.» Na pequena nota, uma sobreposição

de diversas informações. Temos a Editora Ocidente, fundada pelo próprio Adonias Filho em 1944. Em seu catálogo temos uma diversidade de títulos: *O julgamento da música*, de Irving Kolodin; *A subida do monte Carmelo*, de São João da Cruz, com tradução de Adonias Filho. Trata-se a obra de um ciclo de canções e textos explicativos para uma ascese mística; *O papa do Ghetto*, de Gertrude von le Fort; *Os quatro pontos cardeais*, de Joaquim Manuel de Macedo; *O urso e Enquanto Agonizo*, de William Faulkner, ambos com tradução de Almeida Sales; *A bem amada*, de Thormas Hardy, com tradução de Xavier Placer; *História da Cruz Vermelha*, de Martin Gumpert, com tradução de Cláudio de Araújo Lima³³. No topo de seu catálogo, registra-se «A Editora Ocidente está publicando: « Ou seja, é preciso averiguar o que de fato foi publicado³⁴. No caso de *Golovin*, deu-se o caso de sua publicação. Poucos meses depois do anúncio, o escritor e crítico literário Almeida Fisher publica um texto no *A Amanhã* (16/09/1944,p.3) ao relatar «a leitura da esplêndida novela ‘Golovin’, de Jacob Wassermann, recentemente surgida em nossa língua em excelente tradução de Adonias Filho, na qual a revolução russa passa diante dos nossos olhos cheios de espanto, como num filme, com toda a sua legião de horrores.» A obra realmente teve um impacto nos círculos intelectuais brasileiros. No mesmo jornal, em sua edição de 12/08/1944(p.3), temos a nota: «Em um livro publicado por uma das nossas mais novas casas editoras - Ocidente - exatamente a novela ‘Golovin’, encontramos algumas opiniões de romancistas brasileiros sobre o autor: Jacob Wassermann. Quatro grandes nomes da ficção brasileira se manifestam com palavras as mais elogiosas, com tal entusiasmo que não pode passar sem um registro». Os escritores citados são Octávio de Faria, Lúcio Cardoso, Cornélio Penna e Xavier Placer, todos de alguma forma companheiros de Adonias Filho nos jornais e na literatura.

6.5 *O processo Maurizius*, de Jacob Wassermann, tradução de Octávio de Faria e Adonias Filho, Livraria José Olympio, 1946³⁵. O original alemão é de 1928. Fato inusitado aqui é a tradução em parceria. Mas o estranhamento é apenas imediato: Adonias dedicou muitas páginas de ensaios na análise da obra de Octávio de Faria. Famoso pelo ciclo de romances «A tragédia burguesa», Octávio de Faria foi alvo de longo escrutínio já em 1945, com longo ensaio no suplemento literário do jornal *A Manhã* (13/05/1945)³⁶. Não por acaso, em 6/6/1972, coroando essa amizade de tantos anos, Ado-

nias fará o discurso de recepção de Octávio de Faria na Academia Brasileira de Letras.

7. Textos ficcionais inéditos em livro

Uma busca nos jornais oferece-nos materiais de difícil acesso ou completamente desconhecidos, como *Meu primeiro natal*, no jornal *Imparcial (Salvador)* de 25/12/1945, ou o conto 'Catongo', no *Suplemento Literário do Estado de São Paulo* 24/08/1967. Um curioso texto é o depoimento sobre seu pai, publicado na *Revista do Diário Carioca* em 10/04/1955.

8- *Projetos inconclusos.*

Na leitura das fontes impressas, salta aos olhos alguns projetos não finalizados por Adonias Filhos, como:

8.1 *livro sobre a evolução da moderna poesia brasileira*, com ensaios sobre Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Murilo Mendes, segundo o *Tribuna da Imprensa* 12-13/09/1953(p.9). Este é um tema pouco estudado em Adonias Filho, frente ao predomínio de abordagens puramente narrativas de sua prosa de ficção. Adonias mesmo escreveu uma série de textos intitulada «De um estudo sobre poesia» no jornal *A Manhã* em 1944³⁷. Seu *Diário de um escritor* é eivado por referências a poetas e procedimentos da poesia. O segundo livro de ensaios de *Adonias - Tasso da Silveira e o tema da poesia eterna* (1940), gira em torno das relações entre poesia, linguagem e ideias, louvando em suas 86 páginas a experiência mística e universalizante do poeta ³⁸. Em sua crítica literária, Adonias recorrentemente escreveu sobre poetas, seja os consagrados, seja os iniciantes³⁹. Em sua coluna 'Estante' de 9/02/1960(p.3), Adonias sacramentava: « O criticismo poético, ao que tudo indica, desapareceu inteiramente. As reedições se sucedem - como ainda agora a dos poemas completos de Carlos Drummond de Andrade - sem que a crítica tome qualquer conhecimento. Um lançamento, como o de Sosígenes Costa, aí está ameaçando de passar em grande mutismo. Os 'Novos poemas' de Vinícius de Moraes, não conseguiram sequer um registro. E os estreantes, sem qualquer possibilidade de divulgação, não podem ao menos dispor de orientação e tomar os pulsos dos seus próprios poemas. Ausente, em consequência talvez de obstáculos de toda espécie, o criticismo ignora a poesia. É provável que uma das causas de semelhante alheamento resulte da dificuldade importa pelo governo para que sejam importados os estudos especializados em língua estrangeira. Não tendo como

atualizar-se, e em matéria hoje tão identificada com a estilística e a linguística, a crítica prefere silenciar. E deixar morrer a poesia.» O que vemos em sua obra foi uma transformação/superação do fascínio inicial da retórica grandiloquente romântica para as modernas técnicas de construção poética, as quais, na famosa expressão de R. Jakobson, acarretaram a «projeção do eixo paradigmático sobre o sintagmático (JAKOBSON 1995:130)». O controle rítmico da prosa por meio do verso é bem utilizado após *Memórias de Lázaro* (1952).

8.2 *Ensaio sobre o teatro brasileiro moderno*

Segundo texto no *Tribuna da Imprensa* de 10-11/03/1956 (p.7), Adonias Filho parecia já estar em processo de realizar tal análise do teatro brasileiro. Em inúmeras ocasiões em seus textos nos jornais, Adonias se refere ao teatro. Há diversos textos seus sobre o teatro no Brasil. Seria outra ruptura com a tradicional ideia do escritor apenas autor de romances a publicação desta obra sobre o teatro.

Concluindo, gostaria de pontuar o caráter aberto e provocativo deste ensaio. Apontamos alguns caminhos. Há muitas possibilidades nessa volta às fontes. Temos ainda questões como:

1 - sua atuação nos INL, CFC, Biblioteca Nacional, Agência Nacional, entre outros;

2 - o intercâmbio internacional, suas viagens como representante oficial ou escritor, sua recepção no exterior, artigos e traduções.

De qualquer forma, para alguém que optou por vir para o Rio de Janeiro sozinho aos 16 anos e trabalhou em redações de jornais para sobreviver, sempre com os olhos, entre outras coisas, focados em uma carreira literária, Adonias Filho, com todas as suas ambivalências e concessões, acabou por conseguir em vida aquilo que desejou: produzir uma literatura de qualidade marcada pelo diálogo com diversas tradições culturais. Mas, para além do heroísmo da situação, há o convite para interrogar essa trajetória, sem que se reduza o escopo das observações à paráfrase e resumo das obras literárias de Adonias Filho. Este deslocamento é necessário para melhor podermos nos aproximar tanto do mundo em torno de Adonias, quando de suas ficções.

ANEXO 1: As capas de *Os servos da morte*

Em vida Adonias Filho publicou seus romances por diversas editoras. Como exemplo vamos nos ater ao primeiro, *Servos da Morte*.⁴⁰ Abaixo, segue-se a ordem das edições do livro:

EDIÇÕES
1a. José Olympio (1946)
2a. Edições GRD (1965)
Tecnoprint (1967)
Edições de Ouro. Coleção Clássicos Brasileiros (1967)
Ediouro. Coleção Prestígio
5a. Civilização Brasileira (1979, 1975)
6a. Difel (1986)

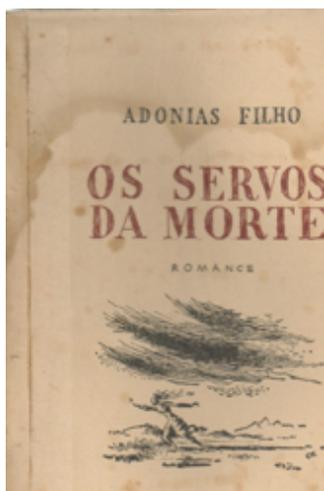


Figura 1

Figura 1 - Com capa de Santa Rosa, a primeira publicação de *Servos da Morte* se dá pela casa editorial José Olympio, que, à época, era a maior e mais influente no país.⁴¹ Tomás Santa Rosa (1909-1956) era um artista multimídia, tendo trabalhado como cenógrafo, artista gráfico, figurinista, pintor, entre outras tantas atividades.⁴² Fora Santa Rosa quem abriu os caminhos de Adonias Filho em seus contatos com o mundo teatral do Rio de Janeiro.⁴³

Na ilustração da capa, a forte imagem em nanquim da mulher correndo na terra seca, sua figura a se consumir por nuvens de um céu turbulento, sintetiza aspectos do romance sem os ilustrar: a capa em si é uma obra. O minimalismo na escolha dos elementos e sua disposição em uma superfície sem contornos induzem o leitor ampliar a correlação entre a imagem em sua abertura e possibilidades de interpretação. A figura pode ser Elisa, a personagem louca do livro, como também Ângelo. Enfim, tudo se amplifica na solidão cósmica de personagens atormentados.

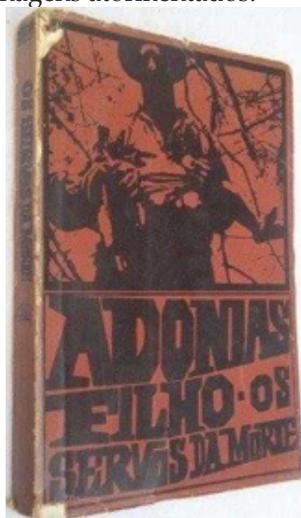


Figura 2

Figura 2 - A segunda edição é pela Edições GRD, em 1965.⁴⁴ A editora, marcada por publicar obras dos autores integralistas, apresenta o livro de Adonias Filho com capa de Eugenio Hirsch (1923-2001). Este renomado artista plástico e *design* gráfico combina na capa elementos de tipografia no nome do autor e do livro com um trabalho gráfico sobre foto, no lugar de desenho, como na capa de Santa Rosa. No caso de Eugenio Hirsch, o três recursos básicos - fotografia, cor e tipografia- conduz o olhar para uma imagem relacionada com ambiente de ambiente rural e uma tragédia doméstica, novamente tendo a relação entre o homem e a natureza como algo intimamente relacionado. As cores estouradas não nos deixam perceber a completa identidade das figuras.⁴⁵

Figuras 3 e 4 - Em seguida, as obras de Adonias Filho migram para duas editoras conjugadas - A Tecnoprint e a Edições de Ouro -, que se responsabilizam por grandes tiragens a preços populares, marca da expansão dirigida do mercado editorial durante o governo militar. Essa mudança de projeto editorial se reflete no formato do livro e em suas capas: no caso aqui temos a imagem *nonsense* das cinco mãos multicoloridas, mãos ameaçadoras e suplicantes em duas versões quanto ao fundo - branco, negro.

Neste mesmo período democrático, temos outra capa de uma edição barata publicada pela Tecnoprint, em 1967. Temos, como no exemplo anterior, a dissolução da relação trágica entre homem e cosmos, vista nas capas de Santa Rosa e Eugenio Hirsch, e o foco em alguns gestos tidos como característicos da densidade de eventos terríveis representados em *Servos da Morte*. No exemplo da Tecnoprint, em estilo xilográfico há a presença de uma típica figura esquálida nordestina em meio a uma indeterminação de elementos.



Figura 3

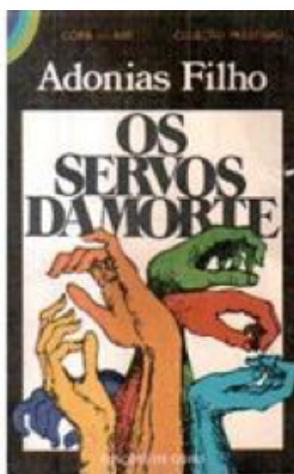


Figura 4

Figura 5 - A quinta edição de *Servos da morte* sai pela Civilização Brasileira em 1975. A editora havia estabelecido um novo padrão gráfico para suas capas a partir do trabalho de Hirsch entre 1959 e 1965.⁴⁶ Essa modernização, como se viu na capa 2, encontra-se matizada nesta capa de 1975:⁴⁷ note-se a divisão geométrica em três

partes - Nome do autor na parte de cima no retângulo superior em fundo avermelhado; o nome da obra no centro dentro de um retângulo bem menor em fundo branco; e a imagem visual que justapõe diversos elementos no retângulo inferior, base do livro. Nessa imagem temos como que um céu invertido atravessado pelos raios que saem de uma faca e de uma figura meio ave, meio humana assentada nesse chão de pedras e ramos. Há muita saturação de simbolismos na capa, deslocando a referência da determinação trágica da obra para um palco cômico de teatro de bonecos infantil.

Figuras 6 e 7 - A sexta edição da obra, da Difel, em 1986, retoma temas da capa da *Civilização Brasileira*, mas simplifica o que quer indicar quando ao conteúdo da obra: vemos uma mesa dentro de uma casa simples do agreste e na mesa frutos de cacau, um deles sangrando por uma faca que o atinge. Ao fundo a porta está aberta. Cada vez mais nos afastamos do romance, pois no livro mais que matar são mostradas as figuras suspensas entre uma morte em vida. Essa tensão entre opostos complementares é que dinamiza a tragicidade da obra. As violências maiores praticadas em *Servos da morte* não são as terminais e sim a tortura de o pior sobreviver e ir passando a cada nova geração. Sendo assim a “morte matada” pela faca é mais a expressão de um fascínio hodierno pela exteriorização da morte que uma leitura a partir da trama de imagens da obra de Adonias Filho.

Tal pobreza interpretativa se marca ainda quando comparamos duas capas de outro livro de Adonias Filho - *Corpo vivo*, que fecha a trilogia do cacau.

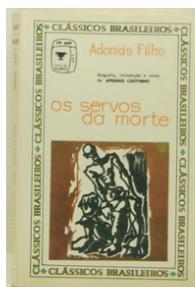


Figura 5



Figura 6



Figura 7

Figuras 8 e 9 - A primeira capa, publicada pela editora Difel, mostra o casal Cajango e Malva, que deixa para trás os sortilégios da morte de suas histórias e da trilogia também. É o que é colocado no primeiro plano da capa, na figura do casal que dentro de matizes vermelhos estourados deixam sua sombra e rastros para trás. A capa é (apenas) correta em interpreta o trajeto das figuras centrais do livro. Por outro lado... temos o exercício impressionantemente literal da Bertrand que coloca na capa do livro *Corpo vivo* um corpo apenas, um dorso nu de um homem. Em frente dele se abre uma porta para outra dimensão e aí vêm umas asas... A transcendência desse homem que sai de uma casa rude para o céu alado é ali referida. É ver para crer...



Figura 8

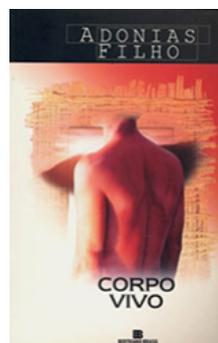


Figura 9

ANEXO 2 – As fontes jornalísticas

Para a elaboração das duas palestras, elaborei e consultei os seguintes jornais e revistas, os quais tiveram participação de Adonias Filho.

1- Revistas	<i>O semanário</i>
<i>Revista Cultura</i>	<i>A Manhã</i>
<i>Revista Brasileira de Cultura</i>	<i>A Tarde</i>
<i>Revista Civilização Brasileira</i>	<i>Vanguarda</i> ⁴⁸
<i>Revista Leitura</i>	<i>Correio da Manhã (Salvador)</i>
<i>Revista Cadernos Brasileiros (Associação Brasileira pela Liberdade de Cultura)</i>	<i>Imparcial (Salvador)</i>
<i>Revista Pan</i>	<i>Diário Carioca</i>
<i>Revista Branca</i>	<i>Tribuna da Imprensa</i>
<i>Revista do Brasil</i>	<i>Folha da Manhã</i>
<i>Revista Brasileira de Turismo e Cultura</i>	<i>Jornal do Commercio</i>
<i>Revista Marco. Grupo Poliedro 33</i>	<i>Suplemento Literário do Estado de São Paulo</i>
<i>Cadernos da Hora Presente</i>	<i>Suplemento Literário do Estado de Minas Gerais</i>
<i>Revista do Arquivo Municipal-SP</i>	<i>Última Hora</i>
<i>Revista da Semana</i>	<i>Jornal do Brasil</i>
2- Jornais	<i>Diário da Manhã</i>
<i>Jornal de Letras</i>	<i>Correio da Manhã</i>
<i>Diário de Notícias</i>	<i>O Globo</i>

Notas

- 1 Trabalho apresentado no Colóquio Internacional Centenário Adonias Filho, realizado pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), entre os dias 09 e 11 de novembro de 2015. Desejo agradecer à organização do evento, especialmente ao conterrâneo Roberto Sávio Rosa, pelo companheirismo e convite. Muito do que aqui foi escrito é inspirado nas recentes pesquisas de R. Dantas e A. M. Pinho, especialmente no que se refere à ida aos arquivos (jornais, revistas). Ainda, muito proveitoso foi o contato com Cyro de Mattos. Entre muitas coisas, suas referências às crônicas de Adonias no jornal *Última Hora* foram uma grata surpresa.
- 2 Muito desse diálogo é explicitado na crítica literária e nos ensaios literários de Adonias Filho, os quais, ao fim, estão em direta relação com sua produção artística, como exposição de um leitor engajado no estudo e análise de obras romanescas e poéticas para a elaboração de sua própria prosa de ficção. Por exemplo, os textos do *Jornal de um escritor* (1954), como laboratório de exploração de leituras e técnicas presentes em *Servos da morte* (1949). Um escritor crítico literário, a exemplo de T. S. Eliot e E. Poe, é algo bem diverso de um crítico literário profissional... Saldanha Coelho assim afirma: «T. S. Eliot, em 'The Perfect Critic', diz que os únicos críticos dignos de serem lidos são os que praticam e praticam bem a arte sobre a qual escrevem. Para ele, é essencial que o crítico e o artista criador sejam a mesma pessoa. Nessa conceituação se enquadra Adonias Filho, já que em si coexistem o crítico e o romancista. O autor de *Memórias de Lázaro*, dispondo pois das 'duas direções de sensibilidade, está apto a compreender melhor o fenômeno da criação artística.»
- 3 Não há um levantamento da enorme produção de textos de apresentação, tanto de autores consagrados, como de iniciantes. No anexo 2, listo os jornais e revistas

- consultados, os quais possuem textos *de e sobre* Adonias Filho.
- 4 Sobre a questão, v. Dantas (2010), Netto (2013) e Scruton (2015).
 - 5 V. a expressão sintética desse credo conservador (família, pátria, igreja, militarismo) em Adonias Filho (1982). O anticomunismo de 1937 retorna nos anos 60 com a publicação de *O bloqueio cultural* (1964). Ainda Adonias se vale das ideias e citações variadas pra justificar sua negação antecipada. Além da antinomia Adonias Filho/Jorge Amado, quanto a literatos e suas ideologias, temos o contraponto em Dias Gomes, dramaturgo que toma posse na cadeira vaga deixada pela morte de Adonias Filho. V. seu discurso de posse e o de recepção, por Jorge Amado (VVAA, 2010). E ainda Rollemberg (2009) e Maia (2014).
 - 6 Em 1948, no *Diário de Notícias* (4/05/1948), Joel Silveira afirma:»[...] não me espantam as injúrias do jornal do sr. Plínio Salgado, que nunca me tratou com cordura: não é sem que lá está, como um dos seus principais obreiros, esse primor de ‘tira’ e sub-literato que é o sr. Adonias Filho, um covardão que vive a se mascarar por detrás de toda uma escala cromática de pseudônimos.» Entre esse e outros desentendimentos, a carreira de Adonias Filho foi construída entre alianças e entrechoços ideológicos. V. ataque a Gilberto Freyre (*O Semanário*, ano 1, n. 3) e críticas a JK, entre outras.
 - 7 Marca disso é a evolução das capas de seus romances. V. Anexo 1.
 - 8 Sobre bibliografia, temos mais detidamente Paranhos (1990). Sobre o gerenciamento de sua recepção, temos o heroico trabalho de Silmara Oliveira, no Memorial Adonias Filho, em Itajuípe (link: www.adoniasfilho.com.br).
 - 9 Nesse sentido é notável o material que o próprio Adonias Filhos produziu para realizar um balanço literário do ano de 1958 para a *Revista Brasileira*, n.21-22, publicada pela Academia Brasileira de Letras. Entre as 10 páginas (pp.252 e 261), Adonias apresenta as movimentações do mercado editorial entre os meses de janeiro e março, identificando tendências nas produções analisadas, os gêneros predominantes, as possibilidades de realização. Ao justapor exemplos com indicação de tendências e possibilidades dentro de uma enorme database, Adonias Filho faculta-nos um horizonte de investigação eficiente.
 - 10 É preciso matizar esse tipicidade. Mais atentamente, Adonias não foi um bacharel: ele foi se formar nas redações dos jornais, no exercício diário da escrita. Além da crítica literária, que o acompanhou durante a vida, foi, no início tradutor, jornalista e diretor de editora. Chegou a fundar uma editora, a Ocidente. Isso tudo entre 1936, ano de sua chegada ao Rio de Janeiro e 1949. Depois alternou o trabalho nos jornais com cargos por meio de nomeação em instituições culturais. Alguns fatos biograficos são compilados por Hélio Pólvora, disponíveis em www.vidaslusofonas.pt/biografia.php?id=ZOZgve3FAMr
 - 11 Para maiores detalhes de ficha de produção das obras aqui citada, v. site da Cinemateca Brasileira www.cinemateca.gov.br. e GOBLE 1999.
 - 12 O filme se encontra disponível no link www.youtube.com/watch?v=n6_e62JNXIQ.
 - 13 Para diversas fotos de divulgação do filme, v. www.bcc.org.br/fotos/galeria/024764
 - 14 NOVAES 2012, ANGELA 1999, AVELLAR 2007.
 - 15 A sinopse apresentada ratifica a direta relação com a obra homônima de Adonias filho de 1947, como um resumo de pontos principais da narrativa, sem ainda um posterior desenvolvimento de roteiro, o que mostra o estado inicial do projeto de realização: “ Paulino Duarte vive em Baluarte, sua fazenda herdada do pai. Viveu sempre só, isolado de todos e cercado pela indiferença e brutalidade paterna. Em toda a região ouve-se histórias sobre a maldição da fazenda e o isolamento de Paulino que vive como um animal, cercado pelos cães. Mais tarde ele conhece Elisa, com quem se casa. Passam-se os anos e o casal já tem quatro filhos. São selvagens

- e brutos, maltratados e abandonados por Paulino, vivem indiferentes a tudo que se passa em volta, principalmente ao ódio de Elisa por seu marido. Ela agora deseja apenas sua morte e jura a si mesma que não descansará enquanto não por a mão sobre o cadáver do marido. Dezenove anos se passam. Os filhos crescidos trabalham no cacau. Paulino sabe que eles não o amam, apenas o respeitam como autoridade máxima. Elisa morrerá alguns anos, ao nascer o seu último filho. Certo dia, os irmãos encontram Angelo trancado na casa, que está abandonada e suja. Ele está magro, com as barbas e cabelos longos. Angelo delira, fala que viu a morte e conversou com ela e cobra de Paulino as maldades que ele cometera contra a mãe. Dominado pelo medo, Paulino espanca o filho diante de todos, quase matando-o, sendo segurado por Rodrigo. O pai agora tem certeza que Angelo é o instrumento de vingança de Elisa e o seu temor aumenta.”
- 16 <www.video.rnp.br/portal/video.action;jsessionid=D343150A750F9F670BA7EE8D7ACDECCA?idItem=3958>.
- 17 V. link www.itauipeonline.com.
- 18 V. VALENTE 1999.
- 19 V. *Última Hora* 15/12/1952, *Jornal do Brasil* 25/08/1953, Diário de Notícias 25/02/1953.
- 20 PEREZ 1965. De fato o capítulo sobre Adonias Filho, e muitos dos demais textos, é uma expansão de texto publicado no *Correio da Manhã* em 21/01/1956, como parte de uma série de entrevistas denominada «Escritores brasileiros contemporâneos».
- 21 Dados da palestra A experiência de um Romancista, realizada em Brasília, e publicada, no *Suplemento literário do Estado de Minas* (9/02/1974) e republicada na *Revista Letras de Hoje* 22.3(1987):47-56.
- 22 PINHO 2008, Vol II, apresenta uma lista das publicações do *Jornal Imparcial*. O primeiro registro de texto publicado por Adonias Filho é o de uma resenha: «À margem de O Antisemitismo de Hitler», no dia 12/02/1935. Lembrar que o primeiro livro publicado de Adonias, *O Renascimento do Homem*, classificado como ‘ensaio’, sincroniza-se com esse momento de formação do escritor como alguém envolvido não no debate de ideias e sim aproveitando e ampliando o espaço de escritura nos jornais para um texto de maior fôlego, mas ainda assim marcado pelo pontilhismo e exercício expressivo do resenhista.
- 23 V. dados da cronologia adoniana preparada por MATTOS 2011:7-10. Muito útil ainda é a narrativa bibliográfica produzida por Pedro Luso de Carvalho em www.panorama-direitoliteratura.blogspot.com.br/2015/02/adonias-filho-vida-obra.html.
- 24 Transcrição: «Eu me lembro de Adonias Filho, numa palestra, dizendo que ao reler um texto antigo, ter, por vezes, a sensação de que aquilo não fora escrito por ele.”
- 25 EPASA= Editora Panamericana S.A. Essa tradução foi republicada pela Topbooks em 1996
- 26 Sobre o J.Wassermann, v. KRAUSZ 2012 E KRAUSZ 2007. Adonias Filho, em seu diário de leituras e experimentos escriturais que é *Jornal de um escritor*, refere a J. Wassermann em dois momentos (ADONIAS FILHO 1954:13-15): em 8 de junho de 1943, a aspectos gerais da obra de J. Wassermann, como o delírio; e em 16 de junho do mesmo ano, a respeito da tradução de Golovin: «Início da tradução da novela Golovin, de Jacob Wassermann. O melhor do seu gênio está ali.”
- 27 Sobre Agenor Soares de Mora, v. MORA 2003, BORGES 2005. Carlos Drummond de Andrade se refere ao caso em crônica sobre tradução em MASSI&GUIMARÃES 2011:10-12.
- 28 Anúncio da Editora Panamericana no *A amanhã* 12/03/1944 p. 9.
- 29 Pelo menos no Brasil, temos uma longa tradição de autores/tradutores, ou seja de escritores que traduzem obras de outros escritores, como, entre outros, Machado

- de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Mario Quintana.
- 30 FERNANDES 2012 estudo as traduções/recepção das obras de George Sand no Brasil, correlacionado o sucesso editorial em torno da autora francesa nos anos 30-50 a questões do mercado editorial e da sociedade brasileira, em temas como o feminismo. Quando fala das traduções da obra referida, M. Fernandes não cita a de Adonias Filho, e sim as de José Maria Machado para o Clube do Livro (1952)- *O charco do diabo* - e tradução/adaptação de Maria Tostes Regios para a Itatiaia (1963) - *O Pântano do Diabo*.
- 31 MALLIA 2015.
- 32 V. www.jakob-wassermann.de/werk/buch.htm
- 33 V. <www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/biblioteca/0060/121-126.pdf>.
- 34 Em seu blog, Denise Bottman confirma o lançamento de livros de Thomas Hardy, Lúcio Cardoso, Murilo Mendes e Jorge de Lima pela Editora Ocidente - www.naogostodeplagio.blogspot.com.br/2012/07/thomas-hardy-no-brasil.html
- 35 Republicado pela Editora Civilização Brasileira em 1963 e pela Editora Abril em 1982.
- 36 Adonias retorna à obra do amigo em ADONIAS FILHO 1958:4-19, ADONIAS FILHO 1969:31-44. Para o ciclo total da *Tragédia Burguesa*, veja edição da Pallas Atena (1984-1985.)
- 37 Datas dos textos: 1-27/05/1944;2- 28/05/1944;27/06/1944;4/07/1944;21/07/1944.
- 38 “A missão da poesia de Tasso da Silveira - que se estende uniformemente de *Fio d’água* aos *Cantos do Campo da Batalha* - é essa de salvar o povo brasileiro, fazendo-o salvar dos homens da terra. Todos os seus poemas, toda essa poesia escrita sem solenidade, encontra aqui sua única razão de ser. Tentar remissão para a humanidade, e, através da remissão conseguida, reintroduzir a inocência perdida. A sua missão é essa. E Tasso da Silveira procurou realizá-la quase heroicamente, compreendendo talvez que a poesia sempre castiga os poetas traidores, os que se vendem ao gosto do público. Assim, isolado na sua guerra, submisso à sua vocação, Tasso da Silveira penetrou na poesia eterna e fez do seu tema o tema da sua poesia (p. 84).» Sobre o livro, v. ainda LOTA 2015:47-48.
- 39 Entre tantos exemplos de sua coluna ‘Estante’ no *Diário de Notícias*, como os dos dias 29/09/1959(p.3), 28/08/1960. Digno de nota ainda é o depoimento de Adonias sobre a questão do caráter exclusivamente técnico da poesia, no *Diário Carioca* em 2/09/1951, pp. 2 e 6.
- 40 Além de materiais de minhas biblioteca pessoal, das Bibliotecas da Universidade de Brasília, da Câmara e do Senado, bem como da Biblioteca Demonstrativa-Brasília, consulte os sites www.livronauta.com.br, www.estantevirtual.com.br, www.mercadolivre.com.br, www.traca.com.br e www.abebooks.com.
- 41 Hallewell (1985, p. 415-482). Em orientação diversa, v. Brown (2005).
- 42 Barsante (1982), Drago (2012). Santa Rosa também foi escritor, envolvido em questões estéticas diversas. V. Santa Rosa (1952).
- 43 Em nota de Claude Vincent em sua coluna “Teatro”, no *Tribuna de Imprensa* de 31/07/1954, lemos (p. 3): «Posse de Adonias Filho. O novo diretor do Serviço Nacional de Teatro, o escritor baiano Adonias Aguiar Filho, tomou posse ontem no Ministério da Educação, às 17 horas. Trata-se de uma figura das letras brasileiras, que tem amizade com gente de teatro, como Tomás Santa Rosa, atual diretor do Conservatório Nacional de Teatro».
- 44 Sobre a GRD, v. Oliveira (2013) e Christofolletti (2010).
- 45 Hirsh foi o responsável pelas capas da primeira edição de *Corpo vivo* (1962), pela editora Civilização Brasileira, e da segunda edição de *Memórias de Lázaro* (1961),

também pela Civilização Brasileira, e pelo desenho de capa de *O forte*, mesma editora (1974).

46 Nogueira (2009), Mariz (2005).

47 O desenho de capa é de Eleonora Affonso e o planejamento gráfico da DIAGRAM.

48 Vespertino fundado no Rio de Janeiro por Oséias Mota e dirigido por Álvaro de Castilho Penafiel.

Referências

ADONIAS FILHO. *Renascimento do homem*. Ensaios. Rio de Janeiro: Schmidt Editora, 1937.

ADONIAS FILHO. *Tasso da Silveira e o tema da poesia eterna*. São Paulo: S.E. Parorama, 1940.

ADONIAS FILHO. *Jornal de um escritor*. Rio de Janeiro: MEC, 1954.

ADONIAS FILHO *Modernos ficcionistas brasileiros*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958.

ADONIAS FILHO. O bloqueio cultural: o intelectual, a liberdade. [s.l.: s.n., s.d.]

ADONIAS FILHO. *O romance brasileiro de 1930*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1969.

ADONIAS FILHO. Pequeno ensaio sobre o cidadão e o civismo. In: _____ (Org.). *O cidadão e o civismo: educação moral e cívica - suas finalidades*. São Paulo: Ibrasa, 1982. p. 29-48.

ANGELA, J. *Olney São Paulo e a peleja do cinema sertanejo*. Rio de Janeiro: Quartet, 1999.

ARMANI, C. H. *Discursos da Nação*. Historicidade e identidade nacional no Brasil em fins do século XIX. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

AVELLAR, J. C. *O chão da palavra: cinema e literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

BARSANTE, C. E. *Santa Rosa em cena*. Rio de Janeiro: MEC, 1982.

BORGES, L. *Tradutores mineiros*. O caso de Agenor Soares de Moura. Monografia de fim de curso, Universidade Federal Juiz de Fora, 2007. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/bachareladotradingles/files/2011/02/Luciana-Maia-Borges.pdf>>.

BROWN, M. *The Gothic Text*. Stanford University Press, 2005.

CHRISTOFOLETTI, R. A controvertida trajetória das Edições GRD - Entre publicações nacionalista de direita e o pioneirismo da ficção científica no Brasil. *Miscelânea* 8 (2010): 208-225.

DANTAS, R. Adonias Filho e o Combate ao homem liberal-marxista. In *Anais IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Integralismo*. LAHPS Publicações, 2010, 78-95. Link: www.ufjf.br/lahps/files/2010/11/Anais_do_III_Simp%C3%B3sio_do_Laborat%C3%B3rio_de_Hist%C3%B3ria_Pol%C3%ADtica_e_Social.pdf.

DANTAS, R. N. *Entre a arte, a história e a política: itinerários e representações da «Ficção Brasileira» e da Nação Brasileira em Adonias Filho (1937-1976)*. Tese de Doutorado, Unicamp, 2010.

DOMINGUES, T. *As Múltiplas Faces de Os Servos da Morte*, de Adonias Filho. Viçosa: EditoraUFV, 2006.

DRAGO, N.D. O Viés expressionista da cenografia de Santa Rosa: entre escadas e efeitos luminosos. *O percebejo* 4.1 (2012): 1-12. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/opercejeonline/issue/view/104>>.

ELLISON, F. The Schizophrenic Narrator and the Myth of Renewal in *Memórias de Lázaro* In: *From Linguistics to Literature. Romance Studies offered to Francis M. Rogers*. (Ed. B. Bichakkian). John's Benjamin's B.V, 1981, 155-166.

FERNANDES, M. O. Editions de George Sand au Brésil. *L'Ull Critic* 15-16:(2012): 105-120.

GOBLE, A (Ed.). *The Complete Index to Literary Sources in Film*. Londres: Bowker Saur, 1999.

HALLEWELL, L. *O livro no Brasil*. São Paulo: T.A. Queirós/Editora da USP, 1985.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995.

KRAUSZ, L. Jakob Wassermann e Kaspar Hauser, 100 anos depois. *Revista Contingentia* 2 (2007):10-17.

KRAUSZ, L. *Passagens*. Literatura judaico-alemã entre gueto e metrópolis. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2012.

LEON, E. Eugênio Hirsch, o cigano das capas. *Design&Interiores*, 27 (1991): 111-114.

LOTA, R. A. *A atualidade clássica das trilogias trágicas de Adonias Filho e Autran Dourado*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado, Faculdade de Letras UFRJ, 2015.

MAIA, T. A. Os usos do civismo em tempos autoritários: as comemorações e ações do Conselho Federal de Cultura (1966-1975). *Revista Brasileira de História* 67(2014):89-109.

MALLIA, M. George Sand and the ideological Reappropriation of the English Gothic Novel in 1830s France. *Comp(ar)ison* 1-2(2015):99-117.

MARIZ, A. S. *Editora Civilização Brasileira: O design gráfico de um projeto editorial (1959-1970)*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.anasofia.net/pesquisas.html>.

MASSI, A. & GUIMARÃES, J. (Orgs.) *Carlos Drummond de Andrade. Poesia Traduzida*. Cosac&Naify/Editora 7 Letras, 2001.

MATTOS, C. (Org.) *Histórias dispersas de Agonias Filho*. Ilhéus: Editora da UESC, 2011.

MOURA, A.S. *À margem das traduções*. Org. Ivo Barroso. São Paulo: Arx, 2003.

NETO, L.E. *O conservadorismo clássico. Elementos de Caracterização e Crítica*. Cortez Editora, 2013.

NOGUEIRA, J.C.G. *Letra e Imagem: A tipografia nas capas de livros desenhadas por Eugenio Hirsch*. Campinas: Dissertação de Mestrado, 2009.

NOVAES, C.C. «Diálogos literatura e cinema: aspectos da contemporaneidade na bora de Olney São Paulo» In: M.P.Oliveira & E.Ramos(Orgs.) *Desleituradas cinematográficas: literatura, cinema e cultura*. Salvador: EdUFBa, 2012, p. 43-66. Link: www.repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/13179/1/Cult12_RI.pdf.

OLIVEIRA, L. *Publicar ou perecer: A Edições GRD, a Política da tragédia e a campanha anticomunista no Brasil (1956-1968)*. Goiânia: Tese de Doutorado, PPG-História, UFG, 2013.

PARANHOS, M.C. *Adonias Filho: Representação Épica da Forma Dramática*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1990.

PÉCAUT, D. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

PEREIRA, M. *José Olympio: o editor e sua casa*. Sextante, 2008.

PINHO, A.M. Adonias Filho e Djalma Viana, uma crítica de duas faces. *Letras de Hoje* 124(2001):9-16.

PINHO, A.M. O Ato de Narrar à Luz da crítica de Adonias filho. *Sitientibus* 40(2009)9-38.

PINHO, A.M. *Uma história da literatura de jornal: O Imparcial da Bahia*. Tese de Doutorado, PUC-RS, 2008.

PINHO, A.M. *Um crítico, dois caminhos- a produção de Adonias Filho e Djalma Viana*. Dissertação de Mestrado, UFBa, 1999.

ROLLEMBERG, D. «O Imortal bem-amado. A chegada de Dias Gomes à Academia Brasileira de Letras» In: *1968, 40 anos depois: história e memória*. C.Fico & M.P. Araujo (Orgs.). Rio de Janeiro, Editora 7Letras, 2009, 105-114

RAMOS, F. & MIRANDA, L.F.(Orgs.). *Enciclopédia do Cinema Brasileiro*. São Paulo: SENAC editora, 2000.

ROSA, G.L Do texto literário ao conto cinematográfico: breve excuroso da transposição cinematográfica no Brasil. *Alceu* 15(2007):297-231.

SANTA ROSA, T. *Roteiro de Arte*. Rio de Janeiro: MEC, 1952.

SCRUTON, R. *O que é conservadorismo*. E Realizações, 2015.

SOARES, L. *Rua do Ouvidor 110: Uma História da Livraria*. José Olympio. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2006.

VALENTE, H.A.D. *Os cantos da voz: Entre ruído e o silêncio*. São Paulo: Anablume, 1999.

VILLAÇA, A. *José Olympio: O descobridor de escritores*. Thex Editora, 2001.

VVAA. *Discursos acadêmicos. 1981-1995 (Tomo VI)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.